

É preciso ter coragem!

Bruno Miller Theodosio¹

Nas últimas semanas as discussões sobre o PT ser comunista foram levadas ao limite do absurdo: Dilma teria um plano maléfico de implantar o comunismo-bolivarianista no Brasil, arquitetado pelo Foro de São Paulo, pelas Farc e pelos guerrilheiros cubanos fantasiados de médico.

Pois bem, como você já imagina, eu não vou perder meu tempo com a refutação desse nível de argumentação que beira os comentadores de vídeos na internet. O que eu quero é lançar duas reflexões: 1) o que é comunismo; 2) cotejar as experiências históricas à luz dessa caracterização que vou fazer.

O senso comum, raso e limitado acha que comunismo é distribuição de renda, assim, uma sociedade comunista ninguém é dono de nada e o Estado comanda a vida das pessoas, desde o uniforme que elas usam até a forma como se expressam. A segunda leitura rasteira é a ideia de que o comunismo é um “conjunto de regras morais superiores”, como se o embate entre concepções sobre a vida humana, ao serem colocadas em choque conseguissem medir qual das concepções é “melhor” e assim a humanidade mudaria de



“O comunismo não é um estado de coisas ideal que deve ser instaurado.

É o movimento real que supera o estado de coisas atual. Suas condições resultam dos pressupostos atualmente existentes.”

**KARL MARX
FRIEDRICH ENGELS
A ideologia alemã**

**BOITEMPO
EDITORIAL**

¹ Graduando em Economia na FEA USP.
Contato:bruuno.mt@gmail.com

patamar. Nada mais infantil e rasteiro. Qualquer um que um dia ouvir falar sobre Marx conhece bem a noção de que a materialidade da vida concreta é que, em última instância, dá os parâmetros de toda sociabilidade humana – o marxismo tem um fundo materialista importante, visto que contrasta frontalmente com o idealismo acrítico que enxerga o movimento histórico como reflexo do movimento das ideias. A boitempo editorial publicou uma imagem na qual pega uma passagem do Marx no Ideologia Alemã que expressa bem isso:

O trabalho é a categoria ontológica central na posição do homem como ser social porque o trabalho é entendido como a produção da vida e não um mero sinônimo para o que hoje chamamos de emprego; nesta produção os homens contraem relações determinadas com outros homens e, ao desenvolverem sua vida, criam novas necessidades e expandem as relações sociais, aprofundando e construindo, pela necessidade prática, as respostas aos problemas postos. Portanto, é durante a produção da vida social que os homens encontram problemas e como necessidades práticas os resolvem. Assim, o capitalismo engendra questões que, ao serem resolvidas, levam à sua superação; não de forma mecânica porque ele não cai de podre e sim orientado pela luta política, que no jargão marxiano se chama luta de classes.

As bandeiras históricas do movimento comunista internacional, desde o século XVIII sempre foram²:

- Fim da propriedade privada dos meios de produção
- Fim da divisão entre classes na sociedade
- Fim do Estado

O que essas coisas querem dizer? O fim da propriedade privada dos meios de produção quer dizer que os mecanismos que *possibilitam* gerar riqueza devem ser socializados; possibilitam está destacado pelo fato de que a riqueza provém do trabalho vivo, humano, que ao utilizar esses meios, gera valor – é importante lembrar que a natureza também gera riqueza, mas isso é lateral no argumento aqui exposto. Ao invés de

² Além das bandeiras citadas, aparece uma, mas essa é mais polêmica: Fim do casamento monogâmico como imposição social.

um sujeito (ou um segmento de pessoas) comandar as fábricas, ter a propriedade das ferramentas, insumos, enfim, dos meios utilizados pelo trabalho humano para gerar riqueza a sociedade como um todo deveria ser “dona” desses meios. É a tal famosa “socialização” dos meios de produção.

A ideia base do senso comum que socialização dos mecanismos geradores de riqueza é distribuição de renda é bem aceita inclusive pela intelectualidade burguesa. Por que? Porque não toca no ponto central que arquiteta a sociedade capitalista: a propriedade privada como organizador das classes. Os que detêm os meios de produção são frontalmente diferentes daqueles que vendem sua força viva de trabalho no mercado. Se se distribuísse renda, ao final e ao cabo da utilização dessa restrição orçamentária expandida, a situação voltaria ao instante inicial. Os que podem gerar e se apropriar de riqueza continuam a comandar a produção enquanto os que tiveram renda aumentada mas gastaram-na, por não terem mecanismos de gerar riqueza são jogados novamente ao mercado de trabalho, tendo sua força de trabalho como única mercadoria e objeto de

compra e venda no mercado. Rosa Luxemburgo tem uma passagem interessante sobre o tema. Segue a imagem:

Portanto, se a propriedade privada dos meios de produção é social e não mais privada, não existe mecanismo apriorístico que gere diferenciação de classes. A ideia é que todos podem – repare no **podem** - usufruir dos ganhos de escala de se viver em sociedade. Assim, é a ação coletivamente construída pelos homens que vai decidir se a sociedade produz comida ou jet-ski. E sejamos claros: a sociedade comunista é menos eficiente que o capitalismo! Repito: o comunismo não organiza a produção com base no princípio da eficiência alocativa de recursos. A produção serve para atender às demandas sociais, ou seja, a inversão da Lei de Say é que aqui, é a demanda quem gera a oferta.

Háaa! Tu é Comunista? Divide suas coisas com os pobres então ué!

Tia Rosa explica:



"O Socialismo e as igrejas", Rosa Luxemburgo - 1905

"Suponhamos, por exemplo, que os ricos proprietários, (...) se oferecessem para distribuir para o povo todas as riquezas que possuíam em forma de dinheiro, cereais, frutas, vestuário e animais. Qual seria o resultado? A pobreza desapareceria durante algumas semanas e, durante esse tempo, a população poderia alimentar-se e vestir-se. (...) Após um pequeno lapso de tempo, as pessoas, tendo consumido as riquezas distribuídas, teriam uma vez mais as mãos vazias. Os proprietários da terra e dos instrumentos de produção podiam produzir mais, (...) e assim nada se mudaria. (...) "Não queremos que os ricos repartam com os pobres: não queremos nem caridade nem esmolas; ambas as coisas são incapazes de impedir o retorno da desigualdade entre homens. Não é de modo algum uma partilha entre ricos e pobres que nós desejamos, mas a completa supressão de ricos e pobres". Isto é possível desde que as fontes de toda a riqueza, a terra, em comum com todos os outros meios de produção e instrumentos de trabalho, se tornem propriedade coletiva do povo trabalhador que irá produzir para si próprio, de acordo com as necessidades de cada um. Os primeiros cristãos acreditaram que podiam remediar a pobreza do proletariado por meio das riquezas oferecidas pelos possuidores. Isso seria deitar água na peneira! ..."

Sacou ou quer que desenhe??

Se a propriedade dos mecanismos de produção de riqueza é social e se todos podem usufruir da produção da sociedade “[d]e cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades”, inexistente a função do Estado centralizador das

decisões da sociedade até porque o Estado funciona, na época moderna, como um comitê de classe. Basta ver as disputas partidárias pelo Estado em que cada sujeito social tem um partido: partido dos trabalhadores/trabalhistas versus partidos liberais.

Assim se arquiteta o senso comum sobre o que é a transição para uma sociedade que os homens podem expressar de fato suas diferenças: numa sociedade de diferentes o que aparece é sua igualação (basta ver que as músicas, roupas e gostos de um garoto no Brasil são, fundamentalmente, os mesmo de um estadunidense, argentino, russo, etc...); somente num mundo de iguais é que se expressam as diferenças substanciais entre os homens! É nesse mundo que a opção por trabalhar ou por ter lazer não joga o sujeito para a margem mais externa da sociedade.

Não quero me alongar muito porque é preciso ter coragem de assumir: **isso não é tudo!**

A sociedade capitalista é marcada pelo fetiche, ou seja, pela inversão sujeito-objeto: nós funcionamos como apêndices do mundo das coisas enquanto elas são os atores dinâmicos da vida social. É como se as mercadorias e o capital produzissem e circulassem porque querem. Aos nossos olhos parece que os produtos chegam ao mercado por si só, parece que as coisas per se valem alguma quantia monetária... Esquecemo-nos que atrás da troca de mercadorias existe toda uma divisão do trabalho aonde pessoas produzem aquelas mercadorias.

Ou seja, parece que o mundo das coisas tem atributos humanos: vontades, gostos e todas outras idiossincrasias humanas. O que é capital? É valor que se valoriza, trabalho morto que se vivifica vampirescamente enquanto suga trabalho vivo; portanto, uma relação social. Ou seja, o capital (uma coisa) internaliza o trabalhador como seu momento e, no limite, o capital acredita que prescinde do trabalho para gerar valor (é o tal fetiche do capital, a ideia de que valor gera valor sem precisar passar por um processo produtivo, ou seja, que o D - D' não precisa da mediação de nenhum D - M - D'). Internaliza o trabalho como seu momento por ser fonte do valor, mas o rebaixa para que ele trabalhe sob os ditames do capital. O capital – e não os homens – aparecem como organizadores da produção. Ora, veja, o “capital gera empregos”. O homem cria o capital. O capital se autonomiza e o homem aparece como seu subordinado (vale aqui a referência feuerbachiana sobre Deus, como uma figura criada pela mente humana mas que ao se autonomizar do domínio humano aparece como criadora de toda a vida). Eis a dupla-

inversão capitalista: o homem torna-se predicado do seu predicado. Um homem funciona como força de trabalho porque vale um “tempo de trabalho” tanto quanto outro, afinal no mero trabalho de supervisionar máquinas é indiferente se fulano ou beltrano opera tal tarefa. E assim, as máquinas que são nossas criações nos subordinam e dominam, elas como sujeitos, nós como coisas, apêndices das máquinas e meros representantes das relações econômicas! É a subsunção real do trabalho ao capital.

A isto Marx chama de fetichismo e reificação. A palavra fetiche vem de feitiço e nasce na ideia de que as coisas podem controlar os homens, como se fossem enfeitiçadas, “fantasmagorizadas”. Ou seja, se espeto a coisa, o homem sente...



TABLE TIPPING.

Nesse sentido, Marx entende que é como se as coisas fossem enfeitiçadas, se mesas e cadeiras dançassem por si só (em alusão ao fenômeno espírita amplamente difundido à época das mesas e cadeiras que se mexiam por estarem supostamente sob efeito de espíritos).

O simétrico oposto é a reificação, que vem do latim, *RES*, República (*RES*pública), COISA pública. O termo pode ser trocado por COISIFICAÇÃO.

Num mundo aonde homens são apêndices de um processo produtivo - porque servem meramente como "tempo de trabalho" - o homem aparece como coisa e, portanto, a coisificação das relações humanas no sentido de que o homem é mero apêndice da produção e está subordinado ao capital, um sujeito cego e semovente dotado de uma subjetividade própria (a expansão desmedida de valor).

Portanto, é necessário apontar que a superação do capitalismo é a superação do estranhamento, do fetiche, da reificação, da coisificação, ou seja, é a superação de uma sociedade que coisifica os homens e os estranha no próprio processo de produção da vida. Assim, a superação do capitalismo é a superação da sociedade que não tem suas relações sociais limpas e cristalinas. Para exemplificar: uma relação professor-aluno é clara. Eu sei quem é o outro e como me comporto em relação a ele. Já nas trocas de mercadorias eu nem quero e nem tenho como saber quem é o produtor daquela mercadoria, afinal, são as mercadorias que se trocam entre si e entram em relações sociais, tendo os homens como seus meros portadores.

O comunismo é a superação da sociedade capitalista com tudo que lhe é inerente: **é necessário superar o valor como organizador das trocas e o trabalho abstrato como liame unificador da sociabilidade no mercado, superar a forma-mercadoria e abolir o dinheiro, tudo isso em um reino de liberdade plena e irrestrita, ou seja, superação do fetiche, da coisificação, do estranhamento, da reificação e da alienação!**

Assim a URSS foi comunista? Não! É preciso ter coragem para dizer isso! Nem por isso ela foi menos importante. Em meio a uma guerra mundial contra os nazistas de um lado e depois os EUA no outro, além do fracasso das revoluções mundo afora como a alemã o "second best" era criar uma teoria que amoldasse os fatos: socialismo em um país. O stalinismo foi produto de sua época, fruto de sua realidade social e histórica. O que foi, portanto, o "socialismo realmente existente"? Foi um regime de acumulação via Estado; com poder de barganha forte dos trabalhadores e muitos avanços sociais. Mas

alguém tem que ter a coragem de dizer que aquilo não foi socialismo. Nem aqui (URSS), nem na China (literalmente).

Os avanços sociais obtidos por lá são fruto do pragmatismo acertado e colado à realidade: guerra, disputa, opressão do ocidente, etc. O melhor que dava para fazer num país feudal era aniquilar o atraso e derrotar a nobreza assassina. E foi o que fizeram. Se temos direitos trabalhistas, férias remuneradas, avanços sociais e diversas outras conquistas, agradeçamos ao senhor Stalin, que como toda figura importante na história da humanidade foi complexa e contraditório – inclusive agradeçamos a ele, ao Exército Vermelho e o povo russo a vitória contra os nazistas!

Portanto, compro a tese do Postone: o marxismo deve substituir a crítica do capitalismo do ponto de vista do trabalho pela crítica do trabalho no capitalismo. Assim nos libertamos da beatificação do operário, da mera inversão entre oprimido e opressor (como uma ditadura de classe inversa), do estatismo³ e diversos outros males históricos do movimento comunista.

É preciso ter coragem para admitir: estivemos errados por muito tempo; mas a história não admite erros!

³ Vale lembrar que o estatismo bebe muito mais na fonte de Engels do que em Marx.